

J.-D. Nasio

Édipo

*O complexo do qual
nenhuma criança escapa*

tradução
André Telles



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:
L'Oedipe
(*Le concept le plus crucial de la psychanalyse*)

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 2005 por Payot & Rivages,
de Paris, França

Copyright © 2005, Éditions Payot & Rivoges

Copyright da edição em língua portuguesa © 2007:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Victoria Rabello
Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

N211e Nasio, Juan-David
Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa / J.-D. Nasio; tradução,
André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

Tradução de: L'Oedipe: (Le concept le plus crucial de la psychanalyse)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7110-972-8

1. Édipo, Complexo de. 2. Psicanálise. I. Título.

Sumário

<i>Abertura</i>	7
1. O Édipo do menino	19
2. O Édipo da menina	45
3. Perguntas e respostas sobre o Édipo	65
4. O Édipo é a causa das neuroses ordinárias e mórbidas do homem e da mulher	91
5. Arquipélago do Édipo	107
6. Excertos das obras de Freud e Lacan sobre o Édipo, precedidos de nossos comentários.	129
<i>Seleta bibliográfica sobre o Édipo</i>	147
<i>Índice geral</i>	155

Nenhuma criança escapa ao Édipo!

O Édipo de que vou falar é uma lenda que explica a origem de nossa identidade sexual de homem e mulher e, além disso, a origem de nossos sofrimentos neuróticos. Essa lenda envolve todas as crianças, vivam em uma família clássica, monoparental, recomposta ou, ainda, cresçam no seio de um casal homossexual, ou até mesmo sejam crianças abandonadas, órfãs e adotadas pela sociedade. Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menina ou menino, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las.

Abertura

As relações do filho com sua mãe são para ele uma fonte contínua de excitação e satisfação sexual, a qual se intensifica quanto mais ela lhe der provas de sentimentos que derivem de sua própria vida sexual, beijá-lo, niná-lo, considerá-lo substituto de um objeto sexual completo. Seria provável que uma mãe ficasse bastante surpresa se lhe dissessem que assim ela desperta, com suas ternuras, a pulsão sexual do filho. Ela acha que seus gestos demonstram um amor assexual e puro, em que a sexualidade não desempenha papel algum, uma vez que ela evita excitar os órgãos sexuais do filho mais que o exigido pelos cuidados corporais. Mas a pulsão sexual, como sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; a ternura também pode ser muito excitante.

SIGMUND FREUD

“O menino está apaixonado pela mãe e quer afastar o pai; a menina, por sua vez, apaixonada pelo pai, quer afastar a mãe.” Eis em algumas palavras o mais batido clichê da psicanálise, uma ilustração tradicional, ingênua e enfática do célebre drama amoroso: o complexo de Édipo. E, no entanto, nada mais enganador que essa visão estática do complexo freudiano. Por quê? Porque o complexo de Édipo não é uma história de amor e ódio entre pais e filhos, é uma história de sexo, isto é,

uma história de corpos que sentem prazer em se acariciar, se beijar e se morder, em se exhibir e se olhar, em suma, corpos que sentem tanto prazer em se tocar quanto em se fazer mal. Não, Édipo nada tem a ver com sentimento e ternura, mas com corpo, desejo, fantasias e prazer. Provavelmente, pais e filhos amam-se ternamente e podem se odiar, mas, no coração do amor e do ódio familiar, medra o desejo sexual.

O Édipo é um imenso despropósito: é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são os pais. A criança edipiana é uma criança alegre que, em toda inocência, sexualiza os pais, introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo e imitando sem pudor nem senso moral seus gestos sexuais de adultos. É a primeira vez na vida que a criança conhece um movimento erótico de todo seu corpo em direção ao corpo do outro. Não se trata mais de uma boca tendendo para um seio, mas de um ser integral que quer apertar o corpo inteiro da mãe. Ora, se é verdade que a criança edipiana fica feliz ao desejar e obter prazer com isso, é mais verdade ainda que desejo e prazer a assustam, pois ela os teme como um perigo. Que perigo? O perigo de ver seu corpo desgovernar-se sob o ardor de seus impulsos; o perigo de ver sua cabeça explodir em virtude de não conseguir controlar mentalmente seu desejo; e, finalmente, o perigo de ser punida pela Lei do interdito do incesto, por ter tomado os pais como parceiros sexuais. Excitada pelo desejo, feliz com suas fantasias mas igualmente angustiada, a criança sente-se perdida e completamente desamparada. A crise edipiana é um insuportável conflito entre o prazer erótico e o medo,

entre a exaltação de desejar e o medo de se consumir nas chamas do desejo.

Assim, a criança reage sem transigir. Dividida entre a alegria e a angústia, não tem outra saída senão esquecer tudo e apagar tudo. Sim, a criança edipiana, seja menino ou menina, recalca vigorosamente fantasias e angústia, pára de tomar seus parentes por parceiros sexuais e torna-se com isso disponível para conquistar novos e legítimos objetos de desejo. É assim que, progressivamente, descobre o pudor, desenvolve o sentimento de culpa, o senso moral e estabelece sua identidade sexual de homem ou de mulher. Observemos que depois de um período de relativa acalmia pulsional – digo efetivamente relativa –, um segundo abalo edipiano irá produzir-se na puberdade. Assim como já fizera aos quatro anos, o jovem adolescente deverá ajustar o ardor de seus impulsos ao seu novo corpo em plena metamorfose da puberdade e às novas solicitações sociais. Mas tal ajuste nunca é fácil para um jovem e eis por que encontramos tantas dificuldades com o adolescente em crise. O jovem não sabe mais refrear seus impulsos como o fizera no fim de seu Édipo; ao contrário, atíça seu desejo tornando-se inibido e tímido. Entretanto, o vulcão edipiano não se extingue na adolescência. Muito mais tarde, na idade adulta, por ocasião de um conflito afetivo, novas erupções poderão se dar sob a forma de sofrimentos neuróticos como a fobia, a histeria e a obsessão. Enfim, não esqueçamos que outra reativação do Édipo pode se desenvolver, experimentalmente dessa vez, na cena analítica central da neurose de transferência. Em outras palavras: a transferência entre paciente e psicanalista é a repetição em ato do complexo de Édipo.

Que é, então, o Édipo? O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrollável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. Eis então o essencial da crise edípiana: aprender a canalizar um desejo transbordante. No Édipo, é a primeira vez na vida que dizemos ao nosso insolente desejo: “Calma! Fique mais tranqüilo! Aprenda a viver em sociedade!” Assim, concluímos que o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente.

Porém, o Édipo não é apenas uma crise sexual de crescimento, é também a fantasia que essa crise molda no inconsciente infantil. Com efeito, a experiência vivida do terremoto edípiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos. No caso de a criança ter experimentado, por ocasião da crise edípiana, um prazer precoce demais, intenso demais e inesperado demais, isto é, no caso de a experiência de um prazer excessivo ser traumática, a fantasia daí resultante seria a causa certa de uma futura neurose.

O Édipo, no entanto, é mais que uma crise sexual e uma fantasia que ela modela no inconsciente; é também um conceito, o mais crucial dos conceitos psicanalíticos. Diria que é

a própria psicanálise, uma vez que o conjunto dos sentimentos que a criança experimenta durante essa experiência sexual que chamamos de complexo de Édipo é, para nós psicanalistas, o modelo que utilizamos para pensar o adulto que somos. Assim como a criança edipiana, percebemos a escalada do desejo pelo outro, forjamos fantasias, sentimos prazer com nosso corpo ou o corpo do outro, temos medo de ser superados por nossos impulsos e aprendemos, finalmente, a reprimir nosso desejo e nosso prazer para viver em sociedade. Que é a psicanálise senão uma prática sustentada por uma teoria que concebe o homem de hoje a partir da experiência edipiana vivida por todas as crianças quando têm de aprender a reprimir seu desejo e moderar seu prazer?

Enfim, o Édipo é também um mito, já que essa crise real e concreta vivida por uma criança de quatro anos, é uma explosiva alegoria da luta entre as forças impetuosas do desejo sexual e as forças da civilização que se lhe opõem. O melhor desfecho para essa luta é um compromisso chamado *pudor e intimidade*.

*Qual é o status do Édipo? Uma realidade,
uma fantasia, um conceito ou um mito?*

Qual é então o verdadeiro status do Édipo? Consistiria ele em uma crise sexual de crescimento observável no comportamento das crianças? Uma fantasia inscrita no inconsciente? Ou a mais importante construção teórica, chave-mestra do edifício analítico? Ou ainda simplesmente um mito, o mito

moderno que nos revela que o interdito universal do incesto é uma resposta ao louco desejo humano de incesto? Logo, seria o Édipo uma realidade, uma fantasia, um conceito ou simplesmente um mito? Pois bem, responderei que o Édipo é tudo isso ao mesmo tempo: realidade, fantasia, conceito e mito. Contudo, para o psicanalista que somos, o Édipo permanece antes de tudo uma fantasia, devo dizer até uma dupla fantasia. É a fantasia infantil agindo no inconsciente do paciente, duplicada pela mesma fantasia, reconstruída, dessa vez, pelo profissional. Assim, só consigo compreender o sofrimento que escuto em meus pacientes adultos ao supor-lhes desejos, ficções e angústias vividas na idade edipiana. E penso que esses desejos, ficções e angústias infantis ainda estão presentes nos dias de hoje, travestidos nos múltiplos tormentos da neurose de que o paciente se queixa. Quando, por exemplo, escuto Sarah, uma anoréxica grave de 26 anos, vejo mentalmente a criancinha que ela era e a imagino dividida entre o desejo de ser um menino com um corpo reto como o de seu irmão, filho predileto do pai, e o desejo de ser a mulher amada pelo pai. Ora, é ao me dirigir a essa menina de quatro anos presente em Sarah que posso ter uma chance de influenciar o curso de sua anorexia. Quando, durante uma sessão, sugiro uma interpretação, é Sarah minha paciente que a escuta, mas é a pequena Sarah que a recebe. Qual pequena Sarah? A menininha edipiana que eu fantasio em minha escuta que suponho atuante no inconsciente da Sarah adulta. Mas o que prova que essa fantasia, forjada na escuta com ajuda do material clínico e da teoria do Édipo, seja de fato a que atua no inconsciente de minha paciente? Quem me garante que essa

fantasia, em que a pequena Sarah fica dividida entre o desejo de ser menino e o de ser mulher, não é uma construção errada? Em outros termos, qual a validade dessa fantasia e do conceito de Édipo que lhe subjaz? Pois bem, esse conceito e essa fantasia são válidos fundamentalmente por duas razões. Em primeiro lugar, porque sempre que escuto um paciente com o a priori teórico do Édipo e da fantasia daí resultante minhas intervenções verificam-se pertinentes, isto é, são validadas a posteriori pelo próprio paciente. Em segundo lugar, porque tenho a confirmação, pela minha experiência, de que a escuta, enriquecida pelo conceito de Édipo, é uma escuta extremamente flexível, maleável, capaz de harmonizar ao mesmo tempo o sofrimento atual do paciente, a fantasia da criança que ele foi e o rigor de uma teoria analítica que não cessa de modelar e aperfeiçoar.

★

★ ★

Se agora eu tivesse de esquematizar a crise edipiana em duas grandes etapas, diria que o Édipo começa com a *sexualização* dos pais e termina com a *dessexualização* dos pais, dessexualização que desembocará finalmente na identidade sexual adulta.

Portanto, vou expor em detalhes, passo a passo, a lógica da crise edipiana no menino e na menina, como uma lenda metapsicológica e romanceada que forjei à luz da teoria psicanalítica e de minha experiência clínica. Preciso antes, porém, indicar os principais elementos que intervêm nessa crise: os *desejos incestuosos*, as *fantasias* e a *identificação*. Dos desejos

incestuosos falaremos imediatamente; em seguida, examinaremos as três fantasias mais importantes do Édipo: fantasias de onipotência *fálica*: a criança julga-se onipotente; fantasias de *prazer* que satisfazem imaginariamente o desejo incestuoso: a criança é alegre; fantasias de *angústia* no caso do menino: ele é medroso – e de *sofrimento* no caso da menina: ela fica magoada; e, finalmente, a última malha da lógica edipiana, o espantoso fenômeno de identificação. Desejos, fantasias e identificação são portanto os três operadores que pontuam respectivamente o nascimento, o apogeu e o declínio do complexo de Édipo. (FIGURA 1).



Que é, então, o Édipo? O Édipo:

1. É uma **chama de sexualidade** vivida por uma criança de quatro anos no cerne da relação com seus pais.
2. É uma **fantasia sexual** forjada inocentemente pelo menino ou pela menina para aplacar o ardor de seu desejo.
3. É também a matriz de nossa **identidade sexual** de homem e de mulher, pois é durante a crise edipiana que a criança sente pela primeira vez um desejo masculino ou feminino em relação ao genitor do sexo oposto.
4. É ainda uma **neurose infantil**, modelo de todas as nossas neuroses adultas.

5. É uma **fábula simbólica** que põe em cena uma criança encarnando a força do desejo, e seus pais encarnando tanto o objeto desse desejo quanto o interdito que o refreia.
6. É a chave-mestra da psicanálise. É o **conceito soberano** que gera e organiza todos os outros conceitos psicanalíticos e justifica a prática da psicanálise.
7. É, enfim, o drama infantil e o inconsciente que todo analisando **representa na cena do tratamento** ao tomar seu psicanalista como parceiro.

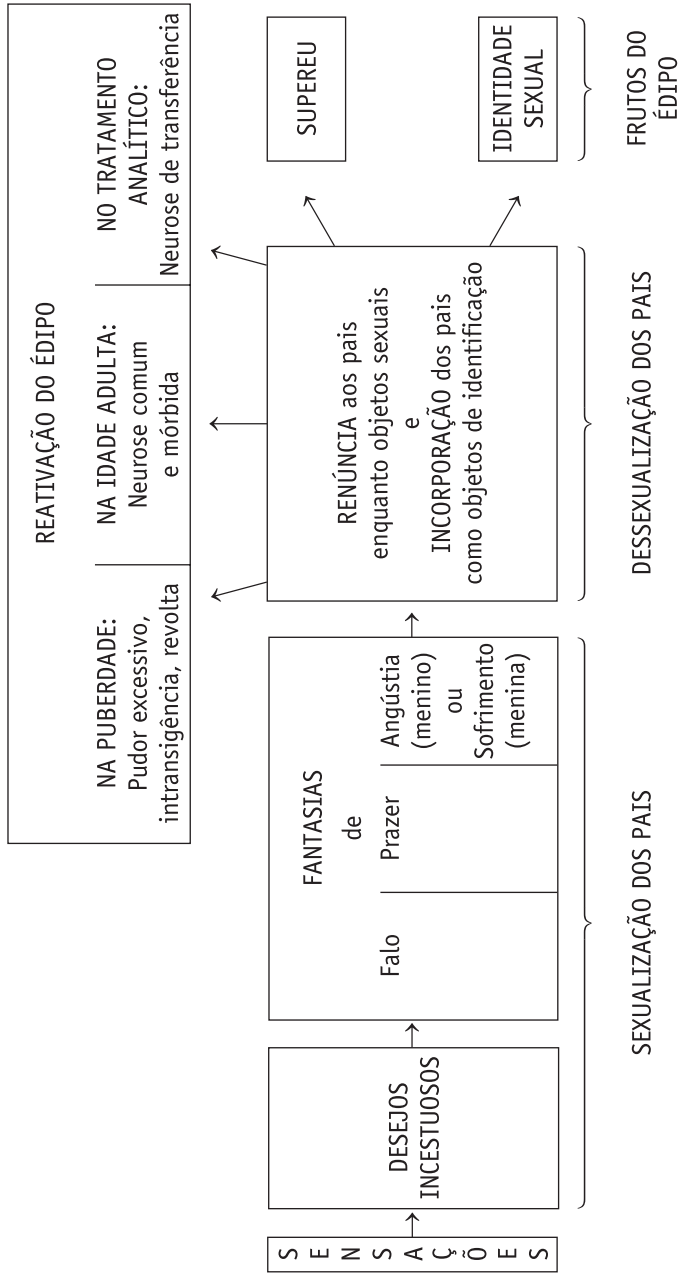


FIGURA 1
Visão geral do Édiplo

Índice geral

<i>Abertura</i>	7
1.0 Édipo do menino	19
No começo era o corpo de sensações erógenas	21
Os três desejos incestuosos	24
As três fantasias de prazer	27
As três fantasias de angústia de castração	32
Resolução do Édipo do menino:	
a dessexualização dos pais	36
Comparado à mulher, o homem é visceralmente um covarde	37
Os frutos do Édipo: o supereu e a identidade sexual	40
Resumo da lógica do Édipo do menino	42
2.0 Édipo da menina	45
Tempo pré-edipiano: a menina é como um menino	47
Tempo da solidão: a menina sente-se sozinha e humilhada	50
A inveja ciumenta de deter o Falo	53
Tempo do Édipo: a filha deseja o pai	54
Resolução do Édipo: a mulher deseja um homem	56
A mais feminina das mulheres tem sempre o pai dentro de si	59
Resumo da lógica do Édipo da menina	62
3. Perguntas e respostas sobre o Édipo	65
4.0 Édipo é a causa das neuroses ordinárias e mórbidas do homem e da mulher	91
A neurose ordinária e a neurose mórbida	93
A reativação do Édipo sob a forma da neurose feminina	98

Como escutar uma anoréxica através da teoria do Édipo?	101
5. Arquipélago do Édipo	107
Não existe castração	109
As figuras do pai no Édipo masculino	110
As figuras da mãe no Édipo feminino	111
As figuras do Falo no Édipo feminino	111
O supereu e os três papéis do pai no Édipo masculino	112
A brincadeira de boneca	113
A fantasia da onipotência fálica	113
A fobia é uma projeção; a histeria, uma rebelião; e a obsessão, um deslocamento	114
A significação bissexual de um sintoma neurótico	117
Que é a histeria?	117
A histeria sofrida por um adulto foi provocada por uma relação excessivamente sensual entre a criança que ele era e seus pais	118
A mulher histérica e seu medo de amar	121
As três figuras lacanianas do pai no Édipo: simbólico, real e imaginário	121
Os três tipos de falta no Édipo: castração, privação e frustração. Uma leitura da tríade laciana	124
Quadro comparativo entre as posições masculina e feminina	126
6. Excertos das obras de Freud e Lacan sobre o Édipo, precedidos de nossos comentários	129
Seleção bibliográfica sobre o Édipo	147
<i>Índice geral</i>	155